

O “EU” E OS “OUTROS DE SI”: AUTOMEMORIOGRAFIAS EM ANARQUISTAS, GRAÇAS A DEUS, DE ZÉLIA GATTAI

Prof. Dr. Igor Rossoni (UFBA)
Ana Carolina Cruz de Souza (UNEB/UFBA)ⁱ

Resumo:

Pelo viés das memórias, Anarquistas, graças a Deus, livro de estréia de Zélia Gattai, narra episódios da infância da escritora-narradora, colocando em cena também detalhes da vida de familiares e amigos em meio ao cenário de modernização do Brasil na primeira metade do século XX. O foco narrativo desloca-se de si para o outro e vice-versa. Desta forma, o ponto de vista tanto pode ser marcadamente pessoal quanto pode sinalizar uma experiência coletiva, resvalando na fusão de elementos autobiográficos com outros de ordem coletiva e social. A obra supracitada constitui-se, portanto, um gênero híbrido: autobiográfico-memorialista. Interessa estudar os aspectos autobiográficos presentes em Anarquistas, graças a Deus, isto é, a escrita de si (ou dos múltiplos de si mesmo). O objetivo é evidenciar como a autora se utiliza de certos lugares-comuns da prosa autobiográfica, para instaurar uma promessa de “verdade” e “autenticidade” dos fatos por ela narrados, firmando assim um “pacto autobiográfico” com o leitor. Além disso, intenta-se discutir em que medida o discurso de Gattai escapa ao esforço de “apagamento” de uma multiplicidade de “eus enunciativos” e de construção de “efeito de realidade”. A leitura da obra permite vislumbrar algumas conclusões preliminares. A primeira delas aponta para o fato de que, por meio de uma memória voluntária, a autora se vale de elementos discursivos extra-diegéticos e intra-diegéticos para apresentar uma aparente unidade do eu que se enuncia e, por sua vez, firmar uma “vontade de verdade” para os fatos por ela narrados. A segunda conclusão ou, pelo menos, perspectiva de entendimento da obra, é que a escrita de Gattai, em certos aspectos, escapa a essa vontade de unicidade na constituição do self e “vontade de verdade”. Isto porque, dentre outras coisas, não há uma relação possível entre o “tempo do mundo da vida”, o “tempo do relato” e o “tempo da leitura”, para usar aqui das expressões cunhadas por Arfuch (2010). O eu enunciativo, nesse caso, passa a constituir-se nos múltiplos de si mesmo. A metodologia para a efetivação deste estudo consiste na pesquisa bibliográfica, a partir da qual serão tomadas como ponto de partida as leituras de Philippe Lejeune (O pacto autobiográfico) e Leonor Arfuch (O espaço biográfico). Ressalta-se que a obra emblemática de Lejeune será lida e interpretada numa perspectiva desconstrutora, como forma de entender a obra tomada como objeto de investigação e análise. Esses são alguns aspectos para pensar o “eu” e os “outros de si”, as automemoriografias de Zélia Gattai em Anarquistas, graças a Deus.

Palavras-chave: memórias, autobiografia, ambivalência.

“Há uma diferença importante entre falar e escrever. A vida pessoal falada é banal. Já a escrita pode ser interessante, porque está submetida a toda sorte de elaborações e transformações. Deixa, portanto, de ser pessoal para ser outra coisa. O quê? Algo desconhecido e enigmático, inclusive para nós mesmos, que a vivemos”.
(ALLAN PAULS)

1 Introdução

Pelo viés das memórias, *Anarquistas, graças a Deus*, livro de estréia de Zélia Gattai, narra episódios da infância da escritora-narradora, colocando em cena também detalhes da vida de familiares e amigos em meio ao cenário de modernização do Brasil na primeira metade do século XX. O foco narrativo desloca-se de si para o outro e vice-versa. Desta forma, o ponto de vista tanto pode ser marcadamente pessoal quanto pode sinalizar uma experiência coletiva, resvalando na fusão de elementos autobiográficos com outros de ordem coletiva e social. A obra supracitada constitui-se, portanto, um gênero híbrido: autobiográfico-memorialista.

Este estudo se debruça sobre os aspectos autobiográficos presentes na referida obra. O objetivo é analisar como a autora se utiliza de certos lugares-comuns da prosa autobiográfica, para estabelecer um “pacto autobiográfico” com o leitor, isto é, uma identidade entre autor, narrador e personagem e, assim, instaurar uma promessa de “verdade” e “autenticidade” dos fatos por ela narrados.

Dentre os lugares-comuns da autobiografia, Lejeune (2008) postula duas características fundamentais da autobiografia: uma narrativa retrospectiva que cobre parte ou a totalidade de uma vida e a identidade que se postula entre o autor, o narrador e a personagem. Na obra em análise, é possível perceber a adoção de ambos os procedimentos.

Considerando esses aspectos, alguns problemas se dispõem e tornam-se um convite à investigação: de que forma Zélia Gattai, na qualidade de escritora, arregimenta esforços com vistas a sustentar o “mito do eu” com aparência de sólida unidade e a autenticar uma “verdade” para os seus relatos? E, nesse sentido, em que medida a obra supracitada escapa ao esforço de “apagamento” da multiplicidade de “eus enunciativos” e de construção de “efeito de realidade”?

Tais questionamentos e possíveis respostas levantadas neste estudo foram subsidiados, sobretudo, a partir da leitura de Philippe Lejeune (2008), (*O pacto Autobiográfico*), e Leonor Arfuch (2010), (*O espaço biográfico*). O intuito não é fazer uma aplicação de modelos de leitura à interpretação do objeto de pesquisa, mas estudar, em diálogo com os referidos teóricos, as singularidades da obra de Zélia Gattai no que concerne aos elementos autobiográficos.

2 Conjecturas em torno do “pacto” de referencialidade biográfica – desdobramentos

Tentando encontrar respostas para as questões-problema acima elencadas, pode-se observar, em relação ao primeiro questionamento, que Zélia Gattai constrói um projeto de escritura que visa a compor uma tríplice aliança entre autor, narrador e personagem, promovendo uma unicidade entre as três instâncias narrativas.

Por meio da memória voluntária, a escritora se vale de elementos discursivos extra-diegéticos (paratextos) e intra-diegéticos (retóricas de linguagem), de caráter compositivo, semiótico e estilístico, tais como epígrafes, fotografias, excertos explicativos da obra, para firmar uma “vontade de verdade” e garantir uma coerência interna das vozes enunciativas, bem como a elevação de um sujeito “idêntico a si mesmo”. Começando pela dedicatória, Zélia escreve: “PARA meus irmãos, Remo, Wanda, Vera e Tito, que aí estão e não me deixam mentir” (2009, p. 7). Na epígrafe, a autora cita um trecho da Modinha de Gabriela, composta por Dorival Caymmy: “Eu nasci assim/ Eu cresci assim/ Eu sou mesmo assim / Vou ser sempre assim...” (2009, p. 8) [*grifos meus*]. O prefácio, que não por acaso foi

escrito por Jorge Amado, contém o depoimento:

Em 1976, fui com Zélia para uma chácara de propriedade de Dmeval Chaves [...]. Zélia, sem ter muito o que fazer [...], resolveu botar no papel divertida história de um disco, acontecida em sua infância. Atendia a pedido insistente dos filhos [...].

História ingênua, o conto não me interessou grandemente. [...] Então eu lhe disse: jogue o conto fora e escreva suas memórias de infância e adolescência [...] tudo que viveste e que guardas na memória. Farás um livro único, um depoimento singular.

Assim ela fez [...]. (GATTAI, 2010, p. 9-10).

Além desses elementos, Zélia colocou no livro, sob a forma de encarte, fotos emblemáticas da própria vida e dos familiares, compondo, por vezes, uma árvore genealógica:

Figura 1: Os avós maternos, Josefina e Eugênio Da Col



Fonte: GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças à Deus*.

Figura 2: Angelina Da Col e Ernesto Gattai, pais de Zélia.



Fonte: GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças à Deus*.

Figura 3: Familiares de Zélia.



Fonte: GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças à Deus*.

Em uma das fotos, a autora registra o momento em que ela foi reconhecida como a melhor aluna da escola em que estudava:

Figura 4: O reconhecimento pelo jornal *A Folha de S. Paulo*.



Fonte: GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças à Deus*.

Essa fotografia aparece encartada no livro não de forma despretensiosa, mas, ao que se acredita, como um recurso semiótico utilizado com vistas a autenticar uma verdade para o relato que se desenrola no capítulo intitulado “Esperanças do Brasil”, citado a seguir:

Mal nos sentáramos para almoçar quando apareceu seu João, servente do grupo escolar. Trazia recado do diretor, convocando papai a comparecer comigo ao seu gabinete às três horas daquela tarde. [...]

[...]

– Você andou fazendo alguma bobagem na escola? – foi a primeira pergunta de papai, bastante incomodado com a convocação.

Não, eu não me lembrava de nada que pudesse ser considerado falta grave. [...]

[...]

Às três horas em ponto, entrava o pai com a filha pela mão no gabinete

do diretor.

Seu Olívio nos recebeu sorridente, estendendo a mão a papai. “Graças a Deus!” – pensei – “não deve ser coisa muito ruim...”

– Em primeiro lugar quero lhe felicitar – foi dizendo o diretor. – Sua filha acaba de ser destacada como a melhor aluna que tivemos em nossa escola, nestes três últimos anos.

[...]

– A Zélia?

– Claro que é a Zélia! [...] Sua filha foi a vencedora em nossa escola. Como prêmio, seu retrato e uma pequena biografia serão publicados no *O Estado de S. Paulo*. (GATTAL, 2009, p. 291-295).

Todos esses recursos levam o leitor a ver a autora como se ela estivesse dentro e fora do texto. Sugerem, portanto, uma “metafísica da presença”. Por sua vez, o nome da escritora impresso na capa do livro funciona como um “pacto” de referencialidade biográfica. Os elementos destacados revelam promessa de “verdade” e “autenticidade” dos fatos narrados, bem como de uma vida própria, testemunhável e com aparência de sólida unidade. Parecem nos dizer: *Esta sou eu, Zélia Gattai, autora, narradora e personagem do livro. Os fatos que narro sobre minha vida são verídicos e testemunhais. Eu sou esta pessoa que vos fala sem tirar nem por*. Trata-se de estratégia de escritura que consiste em fixar “o que se é”, em pura relação consigo mesma, ou seja, um retorno a si como meio de se constituir e se reconhecer enquanto sujeito das próprias ações, bem como enquanto sujeito uno, coeso e coerente. Há toda uma elaboração de si, e por si, através de uma construção narrativa, ocorrendo a unidade performática em busca da representação coerente e estável do “eu” que se enuncia.

Não se quer com tais argumentações por em questão a referencialidade e a veracidade dos fatos narrados em *Anarquistas, graças a Deus*. Se é possível perceber que a autora, cuja assinatura coincide com o nome da personagem principal, também é a narradora do autorrelato, por outro lado é possível notar que a pretensa unicidade e entrelaçamento entre autora, narradora e personagem, que se faz por meio de um “pacto autobiográfico” – para usar do termo cunhado por Phillipe Lejeune – por vezes se esfacela, ocorrendo o descentramento do sujeito em múltiplos de si mesmo.

3 Ambivalência da narrativa – os múltiplos de si mesmo

Aí reside a ambivalência da narrativa que ora confirma uma aliança tríplice, ora a desfaz ou, pelo menos, rasura. Deste modo, pergunta-se: como definir e demarcar os limites do sujeito da enunciação no espaço biográfico? É Leonor Arfuch quem responde, revelando aspectos relacionados à metafísica da presença:

A questão da presença entra em jogo, portanto, com seu particular efeito de verdade, independentemente da distância que a teoria proponha a respeito. [...] Mas esse autor “real” que *fala* (dá testemunho) ou deixa sua

marca na escrita, também não quer resignar sua primazia [...]. E é nessa tensão de ilusão de plenitude da presença e o deslizamento narrativo que se dirime, paradoxalmente, o quem do espaço biográfico. (2010, p. 131).
[grifos do autor]

Eis que se chega ao desdobramento do segundo problema de estudo. Nesse sentido, observa-se que a escritura de Gattai, em certos aspectos, escapa à vontade de unicidade na constituição do *self* e à “vontade de verdade”. A “ilusão substancialista” de um sujeito “idêntico a si mesmo” se esfacela na medida em que, enquanto dimensão configurativa, a narrativa acaba por expor a relação entre o “tempo do mundo da vida”, o “tempo do relato” e o “tempo da leitura”, para usar aqui das expressões cunhadas por Arfuch (2010). O eu enunciativo, nesse caso, passa a constituir-se nos múltiplos de si mesmo. É fácil perceber que não há relação de coincidência entre essas instâncias temporais. O tempo do mundo da vida corresponde à infância de Zélia Gattai, isto é, ao tempo do narrado. O tempo do relato ocorre em 1976, quando Zélia começa a escrever a obra, e se estende até 1979 quando a obra é publicada. O tempo da leitura é variável, dependendo da época em que o texto cai nas mãos do leitor.

Segundo Arfuch, recorrendo à leitura de Ricoeur em *Tempo e Narrativa*, é possível deslindar a “ilusão substancialista” de um sujeito idêntico a si mesmo. Citando Ricoeur:

Essa ilusão aparece justamente [...] como um problema de inscrição da temporalidade no espaço autobiográfico: quem fala na instância atual do relato? Que vozes de outros tempos – da mesma voz? – se inscrevem no decurso da memória? (ARFUCH *apud* RICCOEUR, 2010, p.115)

Respondendo às questões postas pelo filósofo numa tentativa de entender o desdobramento da voz narrativa em outros de si, afirma-se que quem fala na instância atual do relato, ou seja, no momento de construção da narrativa em *Anarquistas, graças a Deus*, não é mais Zélia criança e sim uma senhora madura que decide construir um relato retrospectivo de parte da própria vida. No decurso da narrativa se inscrevem, pois, vozes de outros tempos e de outra espacialidade, vozes de uma menina que viveu a infância em São Paulo em companhia de pais, irmãos e parentes e que se mesclam com vozes de uma narradora adulta, vivendo em Salvador na companhia dos filhos e do esposo Jorge Amado.

Enfim, é o tempo criado pela narrativa de que fala Paul Ricoeur, um tempo que Zélia configura, um tempo de sonho e esperança, diferente daquele que está vivendo quando escreve a obra, em 1979, ou seja, o tempo da ditadura brasileira. (ROSCILLI, 2011, p. 62).

A própria narrativa é ilustrativa desse desdobramento de eus enunciativos. Tome-se um fragmento da obra:

Ao ouvir a banda, de longe, não havia quem me prendesse em casa. Me tocava atrás da multidão, misturada à molecada da rua, fazendo coro com a criança, respondendo às perguntas do palhaço:

*Hoje tem marmelada?
Tem, sim senhor.
Hoje tem goiabada?
Tem, sim senhor.
E o palhaço o que é?
É ladrão de mulher.*

[...] Eu não perdia o espetáculo fascinante e gratuito. Adorava assistir aos elefantes enchendo as trombas de água para espirrar sobre a criançada. Muitas vezes fui procurada e encontrada longe de casa, completamente desligada de tudo, feliz atrás dos palhaços, sem pensar na aflição de mamãe ao notar minha ausência. (GATTAI, 2009, p. 46-47). [*grifos do autor*]

A partir do excerto supracitado, não é difícil verificar que “o eu que narra não é mais o eu de quem se fala. Ao falar de si, Zélia em eu estará falando de um objeto” (ROSCILLI, 2011, p. 62), o objeto da narrativa. Nesse sentido, o narrador se coloca em posição ambivalente de objeto e sujeito, no processo de identificação e reconstrução de si. O objeto de si mesmo é constituído por meio da capacidade de quem narra de auto-objetificação, sem, contudo, anular-se enquanto sujeito que tem o poder de reinterpretar e reelaborar a experiência passada por meio de olhar distanciado, disposto no presente. A escrita de si é levada para fora de si e, ao mesmo tempo, promove um retorno a si em movimento de fluxo e refluxo. Isto demanda que o próprio observador seja parte da própria observação e requer que o campo de conhecimento – o fato social no qual estava inserido a partir das experiências vividas no passado – seja apropriado de fora, podendo-se observar a subjetividade de quem narra. Citando as palavras de Derrida, o “imperativo do saber de si não é, antes de tudo, sentido ou ditado na imediatez transparente da presença a si. Ele não é percebido. Apenas interpretado, lido, decifrado” (2005, p. 13). Sendo assim, quando Zélia Gattai escreve sobre a infância, não está mais na presença de si, enquanto outro de si mesma, ou seja, enquanto o outro que foi quando criança.

Conclusão

Face ao exposto, fica claro que a “vontade de verdade” e autenticidade dos fatos narrados, bem como o projeto literário de construir aparência de sólida unidade para o eu que se narra se desmantela, pois, no exercício de captação do eu-como-um, a autora/narradora deixa escapar as contingências da vida que revelam o(s) outro(s) de si mesma. Desse modo, corroborando as idéias de Roscilli, “a biografia narrada através das trajetórias de vida poderia ser vista como espaço ficcional, a partir do qual lembrar e contar são sempre (re)organizar e (re)construir uma identidade narrativa” (2011, p. 60). Nesse sentido, conforme assevera Roscilli (2011), o relato autobiográfico assume o caráter de autoinvenção, pois não representa o autor, mas o produz. Reafirma-se, então, que o autorrelato não só produz, como também reinventa um personagem de si mesmo, personagem este que se apresenta sob múltiplas faces, estabelecendo um trânsito, por meio da instância narrativa, entre o eu e os outros de si.

Seguindo essa linha de raciocínio, Leonor Arfuch (2010), apoiando-se nas concepções de Starobinski, manifesta-se, argumentando que “não somente o relato ‘retrospectivo’ será indecível em termos de sua verdade referencial, mas, além disso, resultará de uma dupla divergência, ‘uma divergência temporal e uma divergência de identidade’.” (2010, p.54). Contudo, a autora adverte que:

O que está em jogo, então, não é uma política de suspeita sobre a veracidade ou a autenticidade dessa voz, mas antes a aceitação do descentramento constitutivo do sujeito enunciativo, mesmo sob a marca de ‘testemunha’ do *eu*, sua ancoragem sempre provisória, sua qualidade de ser *falado* e falar, simultaneamente, em outras vozes (ARFUCH, 2010, p. 128).

Deste modo, embora exista a referência factual, esse eu trazido do passado, mediante a memória, se reinscreve no tempo presente. É, portanto, resultado de uma reconfiguração de si, mesmo porque, como bem colocado por Arfuch (2010), não há coincidência entre o vivido e o relatado, pois aquilo que se viveu não volta mais, a não ser por intermédio de uma memória presente. O que se repete através da memória é o representante na ausência da coisa mesma, numa espécie de reedição. O entendimento de Beatriz Sarlo, abaixo explicitado, em muito auxilia essa compreensão:

A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar. (SARLO, 2007, p. 25).

É nesse sentido que, conforme sinaliza Arfuch:

Bakhtin nos alerta rotundamente sobre a impossível equiparação entre vida e relato, e portanto – contrariando Lejeune – sobre a não identidade entre autor e narrador, ainda que ambos tenham o mesmo nome no relato e na vida: cria-se um personagem até mesmo na confissão mais sincera ou no testemunho da verdade mais apegada aos fatos (2012, p. 218-219).

Esses são alguns aspectos para pensar o “eu” e os “outros de si”, as automemoriografias de Zélia Gattai em *Anarquistas, graças a deus*.

Referências Bibliográficas

- 1 ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- 2 DELEUZE, Gilles. Platão e o simulacro. In: _____. *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- 3 DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 1991.
- 4 GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

5 LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

6 ROSCILLI, Antonella Rita. *Da palavra à imagem em Anarquistas, graças a Deus de Zélia Gattai*. Salvador: EDUFBA, 2011.

7 SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

ⁱ Autor

Ana Souza. Professora Assistente da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Campus V, e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Orientador: Igor Rossoni.

karolcruzdesouza@hotmail.com.